



*coleção*

**moacyr**  
**scliar**



coleção  
**moacyr**  
**scliar**

# No Caminho *dos* Sonhos

Ilustrações *Maurício Paraguassu  
e Dave Santana*



*No caminho dos sonhos*  
© Moacyr Scliar, 2005

*Diretor editorial adjunto*  
*Coordenadora editorial*  
*Editor assistente*  
*Coordenadora de revisão*  
*Revisoras*

Fernando Paixão  
Gabriela Dias  
Leandro Sarmatz  
Ivany Picasso Batista  
Luicy Caetano  
Cátia de Almeida

ARTE

*Projeto gráfico e capa*  
*Editores*

*Editores assistentes*

*Editoração eletrônica*

Victor Burton  
Antonio Paulos  
Cintia Maria da Silva  
Claudemir Camargo  
Eduardo Rodrigues  
Ana Paula Brandão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S434n

Scliar, Moacyr, 1937-

No caminho dos sonhos / Moacyr Scliar. - São Paulo :

Ática, 2005

il. - (Coleção Moacyr Scliar)

Apêndice

ISBN 978-85-08-09775-3

1. Scliar, Moacyr, 1937-. Família - Literatura infantojuvenil. 2. Século XX - História - Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Série.

05-0997.

CDD 028.5

CDU 087.5

---

ISBN 978 85 08 09775-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 09776-0 (professor)

2012

1ª edição

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2005

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

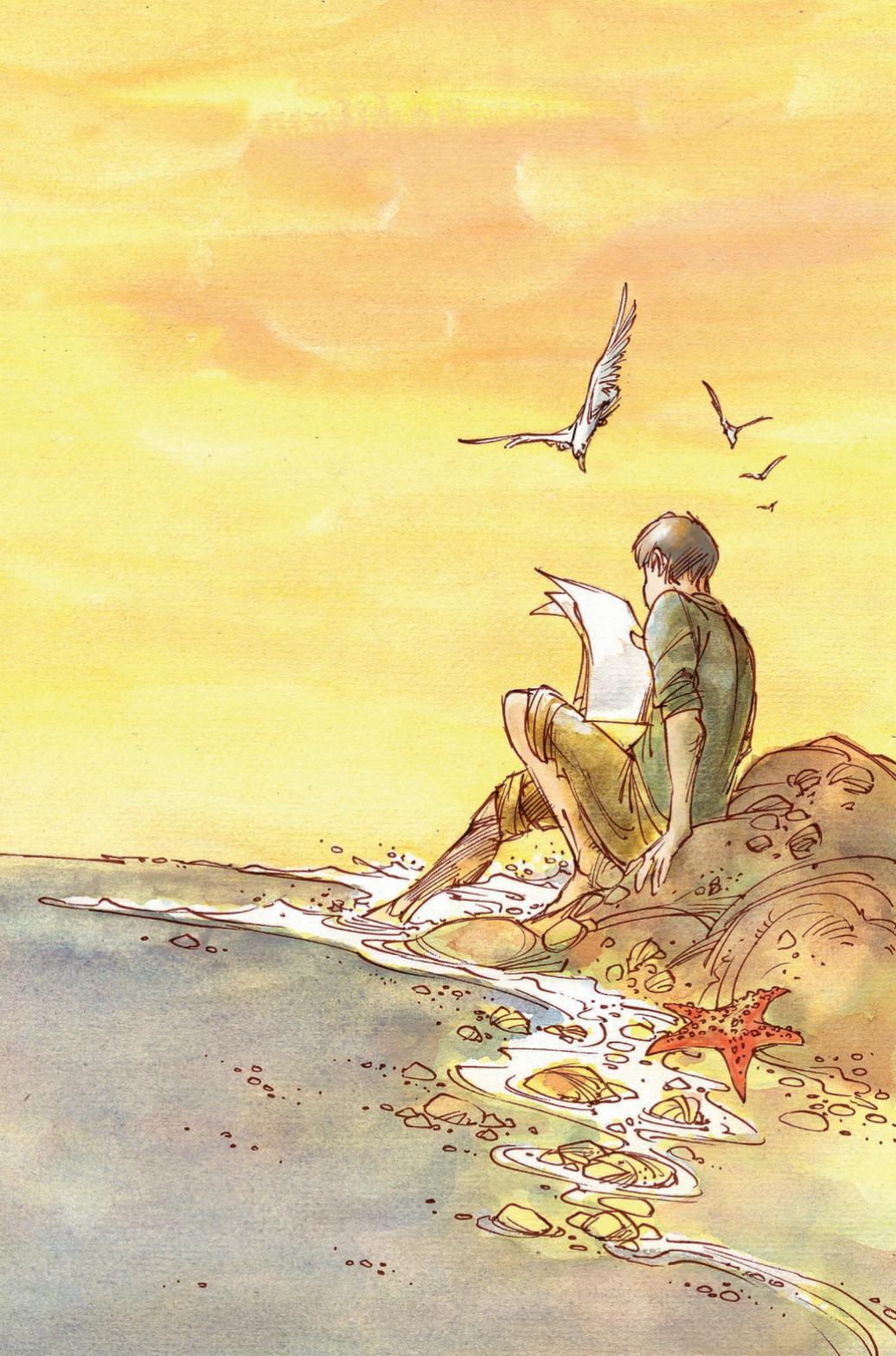
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Caminhante, não há caminho.  
Faz-se caminho ao andar*  
Antônio Machado



Sua mãe veio me procurar na semana passada, Marcelo, e estava desesperada. Contou-me que você havia deixado os estudos e saído de casa para ir morar sozinho numa praia quase deserta no estado do Rio de Janeiro. Ela me mostrou a carta que você deixou, dizendo que está farto de sua vida quadrada, certinha. “Não quero seguir os passos do meu pai e do meu avô”, afirma você, “pessoas que nunca ousaram nada, que nunca descobriram nada. Quero descobrir a mim mesmo, quero descobrir o país onde vivo”. Isso você pretende fazer entre pescadores.

Acho respeitável a sua vontade, Marcelo, mas fico apreensivo com a situação. Não só por causa dos eventuais riscos que você possa vir a correr, que afinal nem me parecem tão grandes assim, apesar dos temores de sua mãe, mas sobretudo pelo engano em que você possa estar incorrendo. Seu avô e seu pai não foram as figuras medíocres que você imagina; foram jovens como você, sonharam como você, descobriram coisas como você.

Sua mãe pediu que eu lhe escrevesse. Sou seu padrinho; desde a morte de seu pai, me considero responsável por você. Sim, mas escrever o quê? Conselhos? Creio que você não precisa de conselhos e muito menos, de sermão. Resolvi então fazer o que faço como escritor, e contar para você uma história. Uma não, duas histórias. Que têm como personagens, respectivamente, seu avô e seu pai. A história de seu avô, Wolf Dreizinger, eu a reconstituí a partir da narrativa que ele mesmo me fez; a história de seu pai, eu a acompanhei de perto.

Vamos a elas, então.

\*\*\*

NASCIDO EM VARSÓVIA, Wolf Dreizinger era filho de um casal estranho. A mãe, uma cantora sem muito sucesso, ficava horas no banheiro, entoando árias de ópera. Seu sonho era fazer parte de uma companhia lírica. Já o pai, comerciante, tinha fascínio pelas coisas secretas: a cabala, a magia negra, a alquimia. Instalara, no porão da casa, uma espécie de laboratório, onde tentava refazer as experiências dos alquimistas, para obter ouro a partir do mercúrio e de outros metais menos nobres.

Dos pais, Wolf herdou uma dupla vocação, que a seu modo transformou. No começo, queria ser ator e chegou até a desempenhar pequenos papéis no teatro da escola. Mais tarde, a química o fascinou. O pai, satisfeito com essa escolha, que lhe parecia, de certo modo, uma continuação de seu trabalho, matriculou-o numa escola técnica. Wolf se revelou um aluno brilhante. Em breve, seus professores diriam que ele nada mais tinha a aprender em Varsóvia. O pai decidiu então enviá-lo para a Alemanha. Foi uma decisão difícil.

Wolf era o único filho e, além disso, à época, o nazismo começava sua ascensão. Mas o rapaz estava entusiasmado. De modo que o pai vendeu umas poucas coisas que tinha, inclusive as antigas retortas nas quais fazia as experiências de alquimia, e arranjou o dinheiro necessário. A despedida foi comovente. Na estação, a mãe entoou uma pungente ária de Verdi diante de uma pequena multidão que soluçava. Por fim, Wolf os abraçou e se foi.

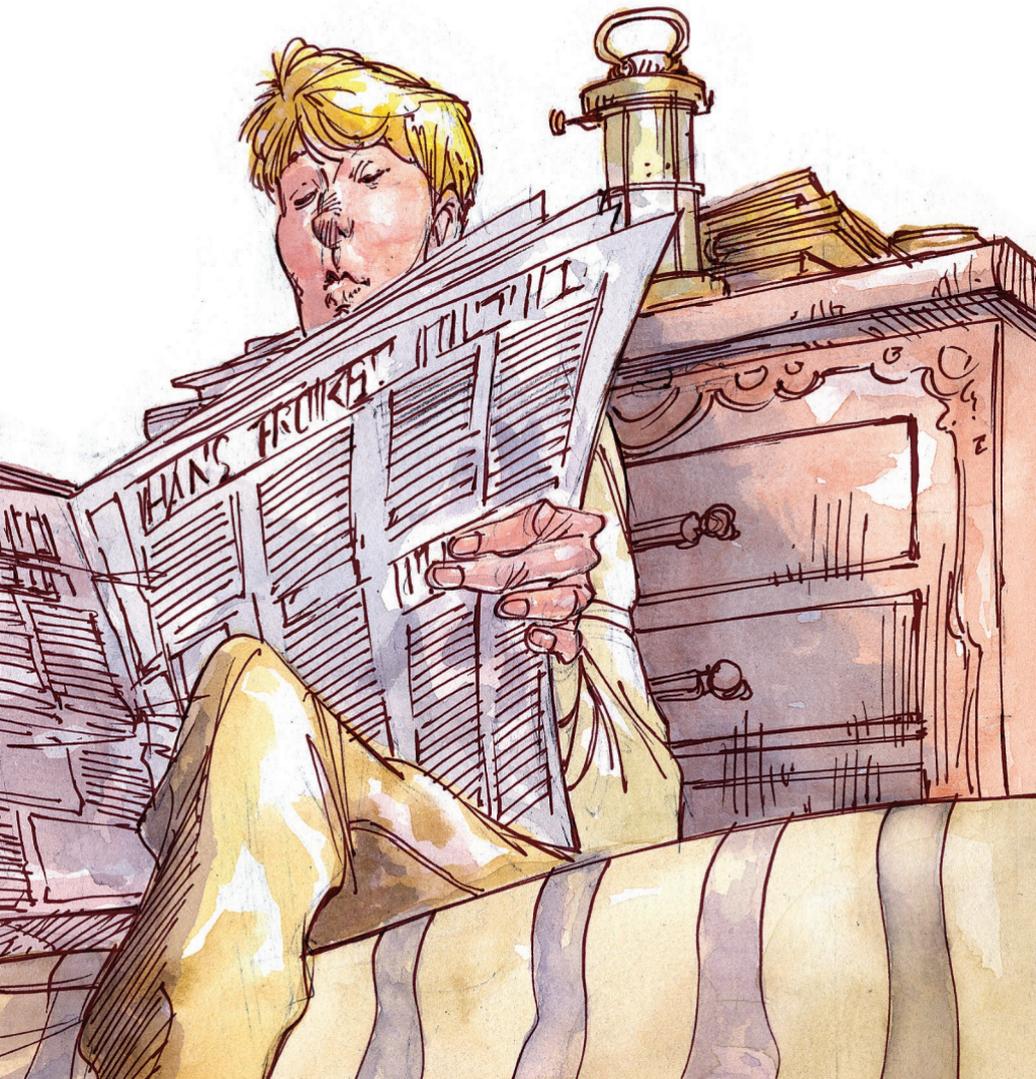
Em Berlim concluiu com êxito seu curso de química. Tinha então apenas dezenove anos. Logo arranjou um estágio numa grande indústria de explosivos. Era um assunto que nunca interessara a Wolf, mas que agora estava na ordem do dia. Dezenas de químicos trabalhavam no estabelecimento, procurando novos e mais potentes explosivos. A fábrica dispunha de um grande lugar subterrâneo para testes, e dali se ouvia, dia e noite, o surdo ribombar das explosões. Nas cartas que escrevia aos pais, Wolf omitia o tipo de trabalho em que estava envolvido; não queria desgostar aquelas pessoas pacíficas e bondosas. Preferia dizer que estava pesquisando tecidos sintéticos. Os pais ficavam satisfeitos, e a pequena mentira não chegava a pesar muito na sua consciência. Levava uma existência modesta. Levantava cedo, ia para o laboratório, onde passava o dia inteiro trabalhando. À noite voltava para sua humilde pensão, um lúgubre estabelecimento, cujo teto imitava um céu escuro recamado de estrelas e planetas, e ali ficava, lendo ou ouvindo música. A dona do local, uma velha estranha, raramente dirigia a palavra a ele, a não ser para lembrar que o fim do mês estava próximo, e que prezava a pontualidade nos pagamentos mais que qualquer outra coisa na vida. Com os demais hóspedes, quase todos

peças de idade avançada, Wolf também não falava muito. Às quartas ia ao cinema, e aos sábados a um cabaré das redondezas, o *Schatzi*, cujas mesas eram dotadas de telefones pelos quais era possível falar com as bailarinas da casa. Lá pelas tantas Wolf convidava uma delas para dançar, tratava o preço e iam para a casa de cômodos ao lado.

Nesse meio-tempo Hitler tinha subido ao poder e Wolf, judeu, começava a ser hostilizado. Até então raramente se apercebera de sua condição judaica. Os pais não haviam dado a ele uma educação religiosa ou tradicional. Os poucos e tolos incidentes antissemitas em que se envolvera não o haviam motivado para o judaísmo. Considerava-se um cientista, um cidadão do mundo. Isso, entretanto, não o salvou de, certa tarde, ser chamado ao escritório da companhia. Ali encontrou um homem, que pelas roupas e pelo jeito de falar não teve dificuldade em identificar como um membro da polícia secreta, a Gestapo. Foi interrogado demoradamente sobre sua vida e os motivos que o tinham levado à Alemanha. Respondeu tudo de maneira sincera, mesmo



porque acreditava na verdade, no supremo poder da verdade. O homem quis saber em que projeto estava envolvido e ele contou que pesquisava um novo explosivo à base de materiais sintéticos, muito mais barato e eficaz. O agente perguntou quem mais estava trabalhando no assunto e ele disse que ninguém: era uma linha de pesquisa que desenvolvera por conta própria, com o apoio da direção da fábrica.



Desde então Wolf Dreizinger começou a ser seguido. Mesmo no *Schatzi* notava, ocasionalmente, a presença de um homem baixo, atarracado, de capa e óculos escuros, sentado a uma mesa não distante da sua: um agente secreto, sem dúvida. Não se importava. Não tinha feito nada de mal. Além disso, sua pesquisa entrara numa fase decisiva e ele não conseguia pensar em outra coisa. Sentia-se à beira de uma grande descoberta. Muitas vezes acordava no meio da noite, exultante, e corria a tomar nota de uma ideia que lhe ocorrera. Lembrava-se, a propósito, do grande Kekulé, o famoso químico que durante muito tempo procurara, inutilmente, uma forma para o núcleo do benzeno. Uma noite, exausto, Kekulé adormecera e sonhara com uma serpente que mordida o próprio rabo, o Ouroboros dos alquimistas. Pensou então que o

